

1

Introdução - Por onde começar: retrospectiva e perspectivas para pensar a crítica brasileira de literatura infantil nos anos 1970/1980

1.1

Passos do caminho percorrido

Como surgiu o tema desta pesquisa?

Em 2005, cheguei à PUC-Rio para fazer o Mestrado em Letras. Vinda da UERJ, não conhecia ninguém na universidade. E naquele tempo, a seleção para o Mestrado não exigia pré-projeto, então comecei o curso ainda sem pesquisa definida, mas muitas ideias: uma delas (de que ainda gosto muito) era escrever sobre a infância em Graciliano Ramos. Até que...

Comecei uma disciplina, na Pós-Graduação da PUC-Rio, chamada *Tempus Mirabilis*, conduzida pela Professora Eliana Yunes. Entre os temas, os contos de fadas de Perrault, Grimm, a literatura agridoce de Andersen... Da necessidade de se pensar num tema para a monografia final, resultou o tema da Dissertação de Mestrado: *O maravilhoso e o fantástico na literatura infantil de Monteiro Lobato*, com orientação da Professora Eliana Yunes.

As leituras teóricas para a dissertação apontavam uma constância de autores: as contribuições de Marisa Lajolo, Eliana Yunes, Nelly Novaes Coelho, entre outras da mesma geração, eram fundamentais para a realização de um estudo sobre Lobato. Aliás, logo concluí que eram fundamentais para se pensar a literatura infantil brasileira – sobretudo aquela que se produziu a partir dos anos 1970/1980, anos em que estas críticas literárias também começaram a publicar seus trabalhos sobre o tema. O Mestrado foi concluído – mas estas ideias ficaram a matutar na cabeça.

Três anos depois, o plano de participar da seleção para o Doutorado amadureceu e, junto com ele, amadureceram estas ideias. Elas deram origem ao Pré-Projeto sobre “A crítica brasileira de literatura infantil nas décadas de

1970/80”, aprovado pela Banca para o doutoramento com orientação da Professora Eliana Yunes.

Não é preciso dizer que, entre o começo do Doutorado, em 2010, até a conclusão da tese, o projeto inicial foi se transformando, dinâmico que é, mas sem perder seu objetivo inicial.

As releituras do material pesquisado, as reflexões propiciadas pelos encontros de orientação com a Professora Eliana, as novas leituras e respectivos “insights” trazidos pelas disciplinas cursadas na Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio durante o Doutorado – em particular os cursos oferecidos pelas Professoras, em ordem alfabética, Daniela Beccaccia Versiani, Heidrun Krieger Olinto e Rosana Kohl Bines, as contribuições importantes da Banca de Qualificação, composta das Professoras Regina Michelli e Rosana Kohl Bines, além da troca preciosa de ideias com colegas pesquisadores, todos estes fatores trouxeram novos olhares e novas possibilidades para a pesquisa que foi se consolidando na presente tese.

1.2

O começo antes do começo

Não me lembro do que li ontem, mas tenho bem vivo o *Robinson* inteirinho – o meu *Robinson* dos onze anos.

(Monteiro Lobato)¹

Então foi no Mestrado que a pesquisa começou?

Não. A pesquisa começou bem antes: começou lá atrás, mas faz muitos anos mesmo, ninguém sabia de nada disso ainda. Era uma menina que morava numa casa grande com mais duas irmãs – então já se sabe que tinha bagunça e criança brincando o tempo todo. E onde tem criança brincando o tempo todo, tem criança inventando moda. Criança inventadeira, é batata, gosta de história, e quem gosta

¹ In. *A Barca de Gleyre*, 1956, 2º tomo, p. 346.

de história é um pulinho prá gostar de ler. Por isso, nessa casa, com três crianças inventadeiras, todo mundo gostava de ler, e de ler muito.

Liam a *Enciclopédia Britânica*, A *Enciclopédia Conhecer*, Liam *Os Pensadores*², Liam *O Livro dos Bichos* – estes eram de fazer coleção e encadernar com capa dura depois. Ficava tão bonito... E ficavam no alto de uma estante, uma estante enorme, que se erguia por cima do piano – piano que elas aprendiam a tocar, desde os seis anos, com uma professora dulcíssima. Mas para negócio de livro, o piano servia mesmo de degrau, de escada para pegar livro grande cheio de figura, contando coisa verdadeira do mundo inteiro.

Já livros de criança, esses ficavam nos lugares baixos, no quarto de dormir ou no “quarto de brinquedo”, era fácil de pegar. E eram muitos, que nessa época era bom de ser criança porque tinha muito livro novo toda hora: tinha *A bolsa amarela*, tinha *A fada que tinha ideias*, tinha *História meio ao contrário*, tinha *Soprinho*, tinha *Faca sem ponta*, *galinha sem pé*, tinha *Uma ideia toda azul*, tinha *O menino maluquinho* e o *Flicts*, e tanta coisa que nem cabe aqui. E se ligasse a televisão – e todo dia tinha que ligar, porque: passava *O Sítio do Picapau Amarelo*, com Emília, Minotauro, São Jorge, Reino das Águas Claras e tudo.

Eu desconfio que foi nessa casa grande, de tardes imensas, há mais de trinta anos, que esta tese nasceu.

1.3

A tese: uma introdução

Durante as décadas de 1970 e 1980 tem início uma série de reformulações na literatura infantil e juvenil brasileira. O cenário para estas importantes transformações, é bem verdade, já vinha sendo preparado desde o fim dos anos de 1960, quando se verifica a intensificação das discussões e estudos sobre o gênero, representada, por exemplo, pela criação e proliferação de instituições especializadas, como a Fundação do Livro Escolar (1966) e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968).

² Coleção que editora Abril Cultural lançou nos anos 1970 (1ª edição: 1973-1975), sobre vários filósofos ocidentais.

Traçando um rápido retrospecto, em 1967, Clarice Lispector se volta à literatura infantil e publica *O Mistério do Coelho Pensante; A mulher que matou os peixes*, também para crianças, é lançado em 1968³.

Em 1969, Ziraldo, já então conhecido criador da revista de quadrinhos da Turma do Pererê, publica *Flicts*, obra que traz para a literatura infantil temáticas como a exclusão, a repressão e a representação de conflitos internos da criança. No mesmo ano, João Carlos Marinho publicou *O Gênio do crime*, cujo subtítulo “uma história em São Paulo” já revelava a inovação de uma narrativa para crianças que se situa objetivamente no ambiente urbano, e então atual, da grande capital brasileira - não bastasse o fato de se tratar de uma história policial, de suspense, para leitores infantis.

Caminhando para o ano de 1970, a reforma da educação brasileira regulamentada pela Lei 5.692, ao aumentar a duração do ensino fundamental, obrigatório, de cinco para oito anos, ampliou (ressalvada a superficialidade dos dados estatísticos) o número de alunos matriculados nas escolas. Paralelamente, novas propostas curriculares passaram a valorizar autores então contemporâneos “e não necessariamente canônicos; e estimulou-se a presença em sala de aula, de obras literárias, liberando os professores do uso exclusivo do livro didático” (Zilberman, 2005, p.48)⁴. Isto significa que ao leitor escolar expandiram-se as opções de leitura, antes restritas aos textos de Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Afonso Celso, Casimiro de Abreu, entre outros.

Mesmo com toda a repressão cultural e social imposta pela ditadura militar no país, de 1964 até a década de 1980, a literatura infantil e juvenil “pôde se apresentar como uma dessas válvulas de escape, por onde os produtores culturais – escritores, ilustradores, artistas em geral – tiveram condições de manifestar idéias libertárias e conquistar leitores” (Zilberman, 2005, p.46)⁵.

Obras fundamentais para a literatura infantil e juvenil brasileira surgem na década de 1970:

³ As Referências Bibliográficas das obras literárias citadas estão na última parte da tese.

⁴ ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

⁵ *Idem*.

A fada que tinha idéias, de Fernanda Lopes de Almeida, publicado em 1971, conta a história de uma fada, ainda menina, transgressora e criativa, que não aceita as receitas prontas da tradição, reunidas no “Livro das Fadas”.

Lygia Bojunga lança, em 1972, *Os Colegas*, e em 1975, *Angélica*, obras que trazem para o leitor infantil temas como a vocação artística, a vida à margem da sociedade, a busca por um lugar na mesma sociedade, a representação da interioridade das personagens (que nos dois livros são animais). Em 1976, a mesma autora publica *A Bolsa Amarela*, tendo agora como personagem principal uma menina, às voltas com seus conflitos internos.

História meio ao contrário, de Ana Maria Machado, é lançado em 1978, trazendo inovações textuais significativas, seja no conteúdo (contestação dos papéis e ações reservados aos personagens dos contos de fadas – gênero paradigmático para a literatura infantil, seja no aspecto formal (reversão da estrutura e ordem cronológica típica da narrativa dos contos de fadas, como sugere o próprio título da obra que, aliás, se inicia com a frase “e viveram felizes para sempre” – usualmente, o fim universal das histórias de princesas e fadas.

Marcelo Marmelo Martelo e O Reizinho Mandão, de Ruth Rocha, são publicados em 1976 e 1978, respectivamente. *O Rei que não sabia de nada*, da mesma, autora, surge em 1979.

Em 1982, a escritora brasileira Lygia Bojunga recebe o prêmio internacional Hans Christian Andersen, o maior prêmio literário destinado a escritores de literatura infantil. Adiante, no ano de 2000, é a vez de outra autora brasileira, Ana Maria Machado, receber o mesmo prêmio. Tomando como marco o prêmio Hans Christian Andersen recebido por Bojunga em 1982, a tese tem como objetivo pesquisar a produção da crítica literária brasileira dos anos 1970 a 1980 sobre literatura infantil, com ênfase nas contribuições seminais nestas décadas, período “divisor de águas”, considerado o *boom* da “nova” literatura infantil e juvenil brasileira.

A tese buscará investigar em que medida a crítica brasileira constituiu-se como um elemento fundador de uma “nova” literatura infantil e juvenil brasileira a partir dos anos de 1970. Neste sentido da ação fundante da crítica, será objetivo da tese discutir que autores teóricos e críticos definiram a literatura infantil e juvenil brasileira como objeto teórico na forma que hoje reconhecemos. Ao

propor, portanto, o papel da crítica como coadjuvante de um gênero que então fortalecia sua feição e produção, assumo a crítica como cocriadora mesma do gênero, ao lado de seus autores e artistas, e não apenas repetidora.

A tese busca, ainda, demonstrar a importância desta geração de críticos na renovação dos estudos lobatianos e na consolidação das bases conceituais da recepção da literatura infantil de Monteiro Lobato que perduram até hoje.

Da mesma forma, a tese apresenta reflexões sobre a influência do posicionamento crítico de Lobato sobre literatura infantil nas produções de crítica literária brasileira sobre o mesmo tema nos anos 1970/1980, para demonstrar em que medida Monteiro Lobato é o horizonte e o referencial crítico desta geração.

A literatura infantil e juvenil brasileira, por muito tempo, esteve restrita aos estudos da Pedagogia, dado o caráter escolar de sua recepção por leitores em formação, em atividades de sala de aula. A tese buscará identificar a atuação da crítica literária especializada em literatura infantil e juvenil na *desescolarização* dos estudos sobre o gênero, circunscrevendo a ação dos autores teóricos na migração das pesquisas acerca do gênero da área de Educação para a área de Letras. A geração de críticos brasileiros de literatura infantil nos anos 1970/1980, portanto, atuou significativamente para que a literatura infantil conquistasse espaço nas pesquisas acadêmicas de literatura.

Partilho, neste sentido, da reflexão de Nelly Novaes Coelho sobre a urgência da organização da crítica literária sobre literatura infantil:

(...) ao ser ligada, de maneira radical, a problemas sociais, étnicos, econômicos e políticos de tal gravidade, a literatura infantil e juvenil perde suas características de literariedade para ser tratada como simples meio de transmitir valores. Ou é lida exclusivamente em função de seus estereótipos sociais. Daí a urgência que vemos na conscientização e organização de uma crítica literária para a literatura infantil brasileira (Coelho, 2000, p. 58)⁶.

A tese percorre ainda as linhas críticas estabelecidas por diferentes teóricos da literatura infantil, a partir da revisão bibliográfica das publicações de críticos

⁶ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. 7ª edição. São Paulo: Moderna, 2000 (p. 58).

literários brasileiros de literatura infantil, selecionadas a partir de três pontos de produção significativa durante o período estudado: São Paulo, Rio de Janeiro e Região Sul do Brasil, apontando aproximações e distanciamentos teóricos entre suas contribuições.

Posteriormente a este capítulo de Introdução, a tese se estrutura da seguinte forma:

No capítulo dois, intitulado, *Lobato: marco e horizonte*, a tese discute a influência de Monteiro Lobato na geração de críticos brasileiros de literatura infantil dos anos 1970/1980, seja através do pensamento do autor sobre literatura, expresso, entre outros, em sua correspondência com Godofredo Rangel, ou mesmo em trechos de sua obra ficcional para crianças. Além de tomar como referência epistemológica o pensamento de Lobato sobre literatura infantil, esta geração de críticos brasileiros de literatura infantil também toma a obra para crianças de Lobato como o marco fundamental da literatura infantil brasileira, questão também discutida no mesmo capítulo.

O capítulo três, *A crítica brasileira de LIJ nos anos 1970/80: desafios teóricos e contribuições*, apresenta e discute como esta geração de críticos abordou as principais questões teóricas e conceituais da literatura infantil, demonstrando sua contribuição para a renovação e ampliação dos estudos sobre o tema.

O capítulo quatro apresenta as relações entre a literatura infantil e o mercado editorial, as fundações e as prêmios, problematizando os desdobramentos e os efeitos destas relações.

O quinto capítulo, intitulado *Sem querer finalizar: algumas considerações*, encerra o trabalho no capítulo 5, antes da *Bibliografia*, *Apêndice I* e *Anexo I* que vêm na sequência.

* * *